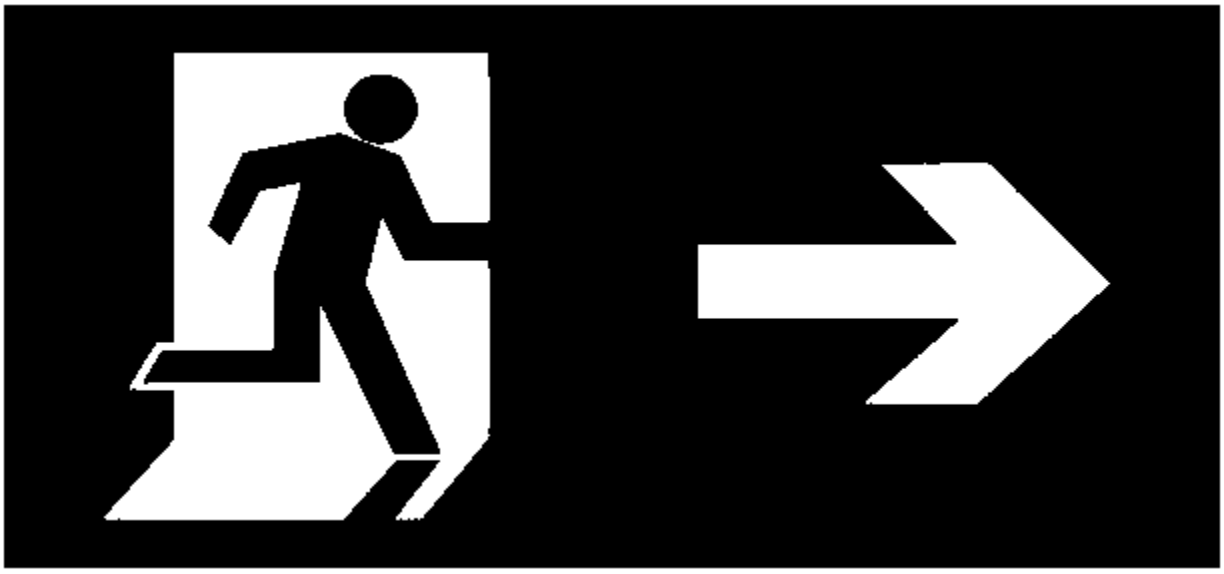

A DOUTRINA DA
PREDESTINAÇÃO
NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

Por Tiago Rosas

Siga no Facebook:
@tiagorosasoficial
@teologiaarminianaepentecostal
@ebdinteligente

INTRODUÇÃO

Não há dúvida de que a Bíblia fala de predestinação. A questão, portanto, não é se assembleianos devem crer ou não na doutrina da predestinação, mas sim **em que tipo de predestinação** os assembleianos creem, e qual o respaldo bíblico, teológico e histórico que têm para tal entendimento.

As igrejas Assembleias de Deus estão historicamente alinhadas ao entendimento arminiano das doutrinas da *Eleição* e *Predestinação*. Ou seja, entendemos que tanto a *escolha* como o *fim* do pecador para salvação pendem da graça livre de Deus dirigida a todos os homens, mas de modo CONDICIONAL à fé a à perseverança no homem.

Contrapondo-se a esse entendimento arminiano, o calvinismo sustenta que a predestinação é INCONDICIONAL, ou seja, ela pende da graça livre de Deus ofertada genuinamente apenas aos que Deus escolheu para salvação, não levando em conta nenhuma condição previamente cumprida por eles, nem mesmo a fé ou a perseverança, as quais, no calvinismo, são consequência da eleição e da predestinação incondicionais. Assim, é a esse tipo de predestinação incondicional para salvação, que descarta a necessidade da fé previamente naqueles que são moralmente responsáveis por seus pecados, que os assembleianos se opõem, bem como fizeram os arminianos clássicos e os antigos patrísticos!

Nas próximas páginas detalharemos um pouco mais as distinções entre a compreensão calvinista (INCONDICIONAL) e a arminiana (CONDICIONAL) da doutrina da predestinação.

1. PREDESTINAÇÃO INCONDICIONAL
(calvinista)

Agostinho, bispo de Hipona (na África), foi quem introduziu de modo inédito na Igreja, entre os séculos IV e V, a teoria da predestinação incondicional, segundo a qual alguns homens já estão predestinados à vida eterna, antes mesmo de qualquer previsão de fé ou perseverança.

Segundo aquele bispo, alguns pecadores receberão fé e perseverarão nela porque estão predestinados para isso. Deus predeterminou que eles tenham fé e perseverança. Daí vêm outros conceitos como o de **graça irresistível** – também introduzido de modo inédito por Agostinho – e perseverança dos santos (embora aqui, Agostinho mesmo defendia a possibilidade de alguns salvos virem a declinar da fé, não estando eles contados entre aqueles que Deus predestinou incondicional e irresistivelmente para o gozo eterno. Ou seja, para Agostinho, nem a todos os salvos Deus concede a graça da Perseverança, mas apenas aos eleitos. Desse modo, todo eleito é salvo, mas nem todo salvo é eleito).

O bispo de Hipona, que é um dos mais eminentes teólogos cristãos do Ocidente, foi um dos antigos Pais latinos da Igreja, de vasta cultura e conhecimento, mas que, todavia, não dominava o grego, língua do Novo Testamento (1). Ele, que em sua juventude seguiu os passos dos Pais que lhe antecederam, foi longe demais em sua obsessiva luta contra o monge bretão, Pelágio, que negava o pecado original e afirmava erradamente, dentre outras coisas, *"que o homem poderia sim, cumprir a Lei de Deus por sua própria força e capacidade; mas ainda com maior facilidade por meio da graça de Cristo"* (2). Agostinho, tentando superar Pelágio e demovê-lo de seu erro ao atribuir ao homem força inerente para cumprir a Lei de Deus, acabou caindo em outro extremo tão errado quanto o de Pelágio, senão pior!

Campenhausen, um dos mais importantes historiadores do século passado, comenta: *"Essa preocupação* [de Agostinho] *levou-o à afirmação da completa predestinação divina, em outras palavras, da previsibilidade de Deus que como tal deve ser ao mesmo tempo uma pré-determinação e uma pré-decisão"* (3). Nessa sua luta contra Pelágio e em sua defesa da inédita teoria da predestinação incondicional e individual, **Agostinho não tinha razão, mas tinha persuasão.** Impunha sua própria razão pela força do discurso! Campenhausen é certeiro como uma flecha sobre a postura de Agostinho: *"Embora essa atitude o tenha tornado teologicamente invencível, fez também com que, ao mesmo tempo, fosse levado para muito longe dos dados imediatos da Bíblia, e até mesmo dos ensinos de Paulo, o que prendeu-o a posições difíceis de defender. Na verdade, seus oponentes o haviam levado para mais longe ainda: todavia, em seu próprio modo de pensar, achava que não havia se colocado à frente deles ainda o suficiente, e isso pode explicar muitas das fraquezas e do rigor da sua posição a que finalmente chegou. Agostinho não desejava ser um inovador, porém, não havia até então encontrado um precursor nas reivindicações pelas quais lutava"* (4).

O teólogo anglicano John Kelly, ao tratar sobre aqueles que recebem a graça da salvação na perspectiva de Agostinho, comenta: *"Agostinho crê que Deus fez isso desde a eternidade. O número dos eleitos"*, segundo o bispo de Hipona*, "está rigorosamente limitado, não sendo maior nem menor do que é necessário para substituir os anjos caídos.* ***Desse modo, ele precisa distorcer*** [!] ***o texto que diz que 'Deus deseja que todos os homens sejam salvos'*** *(1Tm 2.4), interpretando que Ele deseja a salvação de todos os eleitos, entre os quais estão representados homens de todas as raças e tipos"* (5). É de Agostinho que vem a interpretação calvinista comum – embora não unânime (6) – de que Deus não quer exatamente que todos os homens sejam salvos, mas sim que todos os tipos de homens sejam salvos. Nas palavras do teólogo J. Kelly, isto é "distorcer o texto". Mesmo o pregador calvinista Charles Spurgeon (séc. XIX), entendia que esta interpretação agostiniana, e abraçada pelos calvinistas, de "tipos de

homens" ao invés de "todos os homens" de fato, é uma "explosão gramatical", como ele disse em seu sermão *Salvation by knowing th truth* (1880). Ou seja, mesmo esse pregador calvinista entendia que a vontade de Deus é a salvação de todos os homens, não apenas de todos os *tipos de homens*. Nesse mesmo sermão, Spurgeon diz: "Eu quero que todos os homens sejam salvos, você quer que todos os homens sejam salvos; logo, Deus também quer que todos os homens sejam salvos, pois ele não é menos benevolente do que nós". Spurgeon admitia que poderia contrariar sua teologia, mas não sua Bíblia!

O teólogo alemão Gustav Wiggers, considerando o ineditismo da teoria da predestinação incondicional de Agostinho, chega a fazer a seguinte declaração: *"Quanto à doutrina da Igreja, até onde ela foi defendida até agora pelos símbolos* [ou Sínodos e Concílios]*, Agostinho poderia muito mais que Pelágio, ser chamado de herege. A doutrina agostiniana em toda a sua extensão, pelo menos na sua teoria da predestinação* [incondicional]*, nunca foi expressamente pronunciada ortodoxa, em qualquer sínodo, inclusive no efésio* [Primeiro Concílio Efésio, ano 431]*"* (7).

De modo geral, o entendimento de Agostinho sobre predestinação é aceito pelos calvinistas, desde o próprio Calvino (séc. XVI), que, dentre muitas citações que poderíamos fazer aqui, declarou as seguintes palavras: *"Chamamos PREDESTINAÇÃO o eterno decreto de Deus pelo qual houve por bem DETERMINAR O QUE ACERCA DE CADA HOMEM QUIS QUE ACONTECESSE. Pois ele não quis criar a todos em igual condição; ao contrário, preordenou a uns a vida eterna; a outros, a condenação eterna. Portanto,* ***como cada um FOI CRIADO PARA um ou outro desses dois destinos, assim dizemos que um foi predestinado ou para a vida, ou PARA A MORTE"*** (8). Aí está declarada a dupla predestinação incondicional de Calvino: os que foram predestinados para vida eterna e os que foram predestinados para morte eterna. E a prova de que Calvino crê que esta predestinação é incondicional – ou seja, independe de qualquer coisa que o homem pense, diga ou faça – está em sua declaração: *"os réprobos SÃO SUSCITADOS PARA ESTE FIM, ou, seja, para que através deles a glória de Deus resplandeça. (...) Portanto, se não podemos assinalar outra razão por que Deus usa de misericórdia para com os seus, a não ser porque assim lhe apraz, tampouco disporemos de outra razão por que rejeita e exclui aos demais, senão pelo uso deste mesmo beneplácito"* (9). É horrível pensar que Calvino chama de "beneplácito" (boa vontade) a suposta predestinação incondicional de pessoas ao inferno. É esta a boa vontade de Deus? Rejeitar pessoas muito antes de elas terem nascido, não lhes ofertar graça genuína para salvação, e desejar que elas pereçam eternamente? A nossa Bíblia diz algo muito diferente: "não tenho prazer na morte do ímpio..." (Ez 18.32).

O teólogo calvinista R.C. Sproul, um dos maiores representantes do calvinismo em nosso tempo, assim resumiu a posição reformada calvinista sobre predestinação: *"a visão reformada assevera que a decisão final para salvação está com Deus e não com o homem. Ensina que desde a eternidade Deus escolheu intervir nas vidas de algumas pessoas e trazê-las à fé salvadora, e escolheu não fazer isso para as outras pessoas. Desde toda a eternidade,* ***sem nenhuma visão prévia de nosso comportamento humano, Deus escolheu alguns para a eleição e outros para a reprovação*** *(...) Na visão reformada da predestinação, a escolha de Deus precede a escolha do homem".* (10)

Portanto, que fique claro: é com esta predestinação calvinista, que tem seu precedente teológico em Agostinho de Hipona, que não foi conhecido, defendido ou estabelecido em qualquer Sínodo ou Concílio da Igreja em seus primeiros séculos... é contra esta teoria de predestinação incondicional que nós erguemos nossa voz de protesto e rejeitamos peremptoriamente!

Assembleianos creem que a salvação é uma dádiva da graça (At 15.11; Ef 2.8), mas que deve ser recebida pela fé, sem a qual "é impossível agradar a Deus" (Hb 11.6), e que somente perseverando nessa fé é que o salvo terá garantida para si a vida eterna, pois, como disse Jesus, "É perseverando que vocês obterão a vida" (Lc 21.19), e que sem santificação

“ninguém verá a Deus” (Hb 12.14); sendo possível ao que foi santificado com o sangue da nova aliança, vir a pisar neste sangue e profaná-lo (Hb 10.29), e o justo pode vir a recuar da fé e não encontrar mais o prazer de Deus (Hb 10.38); e que Deus quer que todos sejam salvos (1Tm 2.4) e que nenhum se perca (2Pe 3.9) e que Ele não tem prazer na morte do ímpio, antes deseja que o ímpio se arrependa (Ez 18.23; 33.11), e que há sim uma condição a ser cumprida pelo homem para que ele possa ser contado entre os escolhidos de Deus para salvação: crer no Senhor Jesus (Jo 3.16; At 16.31), e que esta fé é a porta de entrada para a graça da regeneração (Jo 1.11,12) e da justificação (Rm 3.1,2).

Por esta razão, não podemos concordar com a predestinação tal como ensinada por Agostinho ou Calvino. Nas próximas páginas explicamos nosso entendimento da predestinação bíblica.

2. PREDESTINAÇÃO CONDICIONAL

(arminiana)

Jacó Armínio, teólogo holandês do século XVI, em sua famosa *Declaração de Sentimentos*, depois de apresentar uma longa refutação à predestinação defendida pelos calvinistas, apresenta seus próprios apontamentos sobre a doutrina da predestinação, e o faz em acordo com os antigos Pais da Igreja, anteriores a Agostinho, tanto Pais latinos quanto Pais gregos (dos séculos II a IV, dentre outros posteriores). É conforme estes postulados de Jacó Armínio que nós cremos, porque acreditamos estarem não só em conformidade com o ensino geral da antiga igreja, mas em subordinação à própria Bíblia sagrada, que é nossa regra de fé e prática.

Armínio, depois de dizer que Jesus Cristo estabelecido como Salvador, Mediador e Rei é o primeiro decreto de Deus concernente à nossa salvação, diz que *"o segundo decreto preciso e absoluto de Deus é aquele em que Ele decretou receber aqueles que se arrependerem em Cristo, e, em Cristo, por causa dEle e por meio dEle, para efetivar a salvação de tais penitentes e crentes que perseverarem até o fim, mas deixar em pecado, e sob a ira, todas as pessoas impenitentes e incrédulas, condenando-as como alheios a Cristo"* (11). Mais à frente, Armínio expõe que este decreto de salvação condicionado ao arrependimento, tem como embasamento a **presciência de Deus**, ou seja, Deus já previu na eternidade quem e quantos exatamente – sua onisciência é perfeita! – aceitariam a salvação pela fé e nela perseverariam até o fim, tanto quanto os que persistiriam na incredulidade: *"Deus decretou salvar e condenar certas pessoas em particular. Este decreto tem o seu embasamento na presciência de Deus, pela qual Ele sabe, desde toda a eternidade, que tais indivíduos, por meio de sua graça preventiva, creriam, e por sua graça subsequente perseverariam (...) e, do mesmo modo, pela sua presciência, Ele conhecia aqueles que não creriam, nem perseverariam"* (12).

Perceba que o ensino de Armínio difere do de Agostinho (que foi adotado por Calvino): para Agostinho, a predestinação é incondicional – Deus predestina apenas alguns para serem salvos e a estes dá irresistivelmente a graça da salvação e, a eles somente, dá a dádiva da perseverança; para Armínio, a predestinação é condicional – Deus predestina o que crê para salvação e aos que perseverarem em fé nesta salvação recebida Ele dará necessariamente a vida eterna, como prometeu e decretou. Afinal, este é o fim da predestinação bíblica, que é condicional à fé e perseverança: a vida eterna (é o destino pré-estabelecido por Deus para os salvos fiéis. Que bendita consolação! Não estamos nos santificado por acaso, nem estamos caminhando às cegas; há um bom fim já predeterminado por Deus para os que perseverarem na retidão).

Devemos insistir num importante contraste: enquanto Agostinho inventou as doutrinas da graça irresistível e da predestinação incondicional, o teólogo holandês Jacó Armínio apenas resgatou o antigo ensino dos Pais da igreja, conforme os teólogos metodistas do século 19 James Strong e John McClintock bem descreveram: *"A doutrina unânime e inquestionável da Igreja sobre este ponto* [Predestinação] *por mais de quatrocentos anos foi, até onde se desenvolveu em distinção, exatamente idêntica àquela que deve sua forma científica e nome a Armínio. (...) 'Em relação à predestinação', escreveu Wiggers [1840], 'os Pais antes de Agostinho diferem inteiramente dele... Eles fundaram a predestinação sobre a presciência'* [de Deus] *(...) Justino Martir, Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes, Crisóstomo – em declarações claras e decisivas – deram sua adesão à teoria da predestinação condicional, rejeitando o oposto como falsa, perigosa e totalmente subversiva da glória de Deus (...) durante mais de quatrocentos anos não se ouviu uma única voz, seja na Igreja Oriental ou Ocidental, na advocacia da predestinação divina incondicional"* (13*).*

Como prova desta crença comum na predestinação condicional baseada na presciência de Deus entre os Pais da Igreja, vejamos como exemplo o que disse Irineu de Lião, ainda no segundo século (isto é, bem próximo dos apóstolos de Cristo): *"E **Deus que conhece todas as coisas antecipadamente** preparou para uns e outros morada conveniente: aos que procuram a luz da incorruptibilidade e tendem a ela, **dá com bondade a luz que desejam**; **aos que a desprezam e se afastam fugindo dela, que de certa maneira cegam-se a si mesmos, preparou obscuridade**, como convém, e aos que se subtraem à submissão a Deus, castigo apropriado. A submissão à Deus é o descanso eterno e os que fogem da luz terão lugar digno da sua fuga e os que fogem do descanso eterno terão morada apropriada à sua fuga. Todos os bens se encontram em Deus e os que fogem de Deus **por sua própria vontade privam-se de todos os bens** e, privados de todos os bens que se encontram em Deus, justamente cairão sob o justo juízo de Deus"* (14).

Apesar de Irineu, um dos Pais gregos, não usar neste trecho a expressão "predestinação condicional", é justamente o conceito dela que subjaz em sua fala: Deus concedendo um futuro a um e a outro conforme a resposta do pecador à revelação divina. E assim cremos. Mas para Calvino, a escolha dos eleitos ou a rejeição dos perdidos, primeiro era uma decisão secreta de Deus, e só depois era uma escolha do homem – escolha inexorável, já que a vontade de Deus é irresistível no calvinismo. Para Irineu, e os demais patrísticos, a escolha dos eleitos demanda a necessidade da fé previamente, e a rejeição dos perdidos demanda a livre rejeição da obediência à Deus. Calvino admitia, no estudo do livre-arbítrio em suas *Institutas da Religião*, que com exceção de Agostinho, os demais patrísticos não lhe davam respaldo! Ou seja, o calvinismo, no que diz respeito ao ensino da predestinação, está separado do ensino geral dos primeiros doutores da igreja nos séculos II em diante.

Concordamos com Armínio, Irineu e os demais pais da Igreja. Discordamos de Calvino, Agostinho e todos os que ensinaram predestinação incondicional e graça irresistível.

A própria **Declaração de Fé das Assembleias de Deus** rejeita a predestinação incondicional e abraça a crença na predestinação condicional, nos seguintes termos:

> ***"O Soberano Deus não predestinou incondicionalmente pessoa alguma à condenação eterna, mas, sim, almeja que todos, arrependendo-se, convertam-se de seus maus caminhos (...). A predestinação genuinamente bíblica diz respeito apenas à salvação, sendo condicionada à fé em Cristo Jesus, estando relacionada à presciência de Deus. Portanto a predestinação dos salvos é precedida pelo conhecimento prévio de Deus daqueles que, diante do chamado do Evangelho, recebem Cristo como o seu Salvador pessoal e perseveram até o fim"*** (15).

Talvez a única distinção entre o posicionamento doutrinário assembleiano e o posicionamento do teólogo Jacó Armínio, com quais postulados a Assembleia de Deus está de acordo, é que enquanto o teólogo holandês não via dificuldade em admitir o decreto divino de condenação para os impenitentes (isto é, que insistem em não se arrepender), a Declaração de Fé das Assembleias de Deus parece evitar argumentar assim, preferindo defender apenas a predestinação para a vida eterna; e de fato, o termo predestinação na Bíblia, e seus correlatos, só é usado no sentido positivo, isto é, predestinação para um fim glorioso (Rm 8.29,30; Ef 1.5).

Todavia, se atentarmos para as palavras de Jesus em João 3, não teremos dificuldade alguma em admitir que há um destino previamente estabelecido para condenação, tanto quanto para salvação, **mas sempre condicionalmente (que isso fique claro!)**. Vejamos o que diz esse texto: "(...) para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna (...) Quem nele crê não é condenado, mas **quem não crê já está condenado**, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus" (Jo 3.16,18) – veja que os destinos tanto do que vier a crer, quanto do

que não vier a crer já estão previamente estabelecidos: vida eterna para aquele, condenação para este.

É o que Paulo diz em Romanos: "E se Deus, querendo mostrar a sua ira e tornar conhecido o seu poder, suportou com grande paciência os vasos de sua ira, preparados para destruição" (Rm 9.22). O vaso da ira, suportado por Deus e preparado para destruição não é alguém destinado para esse fim por um ato arbitrário de Deus sem levar em conta o comportamento do pecado, mas antes é aquele que "despreza as riquezas da sua bondade, tolerância e paciência, não reconhecendo que a bondade de Deus o leva ao arrependimento" (Rm 2.4), e que "por causa da sua teimosia e do seu coração obstinado, está acumulando ira contra si mesmo, para o dia da ira de Deus, quando se revelará o seu justo julgamento" (Rm 2.5). Há uma condição para predestinação da salvação: CRER, consentindo em seu coração com a mensagem do Evangelho e com o chamado da graça; como há uma condição para predestinação da condenação: NÃO CRER, resistindo aos apelos benevolentes e desprezando as oportunidades do Deus longânimo.

Armínio é contundente, e concordo com sua afirmação: "os homens iníquos que perseverarem em seus pecados necessariamente perecerão. Pois Deus, por meio de uma força irresistível, os lançará nas profundezas do inferno" (16). Não existe graça irresistível para salvar, pois é possível que o incrédulo recuse sempre a graça salvífica (Mt 23.37); mas existe uma força onipotente para condenar os que persistem no pecado e recusam os apelos de Deus para o arrependimento. E essa força se revelará no dia do juízo final, quando transgressores serão sentenciados ao lago de fogo sem mais qualquer chance de salvação! Chegarão até a questionar a Deus e tentar se justificar, mas será em vão (Mt 7.22,23).

Os que possuem uma Bíblia de Estudo Pentecostal (CPAD) poderão consultar as páginas 1808 e 1809 onde há um subsídio sobre ELEIÇÃO E PREDESTINAÇÃO. Entre outras coisas, está dito lá que: *"A predestinação abrange o que acontecerá ao povo de Deus (todos os crentes genuínos em Cristo)"*; e ainda: *"A predestinação, assim como a eleição, refere-se ao corpo coletivo de Cristo (i.e., a verdadeira igreja), e abrange indivíduos somente quando inclusos neste corpo mediante a fé viva em Jesus Cristo"*. Aqui fica demonstrado o caráter coletivo da predestinação dos salvos: a Igreja predestinada. Entretanto, esta predestinação coletiva não exclui a predestinação individual, "quando inclusos neste corpo mediante a fé viva em Jesus". Ou seja, a Igreja redimida vai pro céu e é impossível que isso não ocorra, mas Deus não pode mentir; entretanto, individualmente só se pode ter essa certeza de salvação final quem persevera com Cristo, ligado ao seu corpo espiritual, que é a Igreja redimida, constituída de todos os salvos em todo mundo. Armínio dizia que um membro da Igreja pode até cair e perecer, mas a Igreja como corpo se unirá finalmente ao cabeça que é Cristo.

O teólogo Roger Olson, coloca como mito a afirmação de que "o Arminianismo não acredita na predestinação". No capítulo 8 de seu livro *Teologia Arminiana – mitos e realidades*, Olson esclarece: *"A Predestinação é um conceito bíblico; o Arminianismo clássico a interpreta de maneira diferente dos calvinistas, mas sem negá-la. É o decreto soberano de Deus em eleger os crentes em Jesus Cristo e inclui a presciência de Deus da fé destes crentes"* (17).

Dois textos bíblicos são singulares na defesa da predestinação condicional e embasada na presciência divina. Nas palavras de Paulo: "Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos" (Rm 8.29). Perceba: "aqueles que de antemão [Deus] conheceu, também os predestinou...". Esse conhecimento prévio engloba o conhecimento da fé e da perseverança. Nas palavras de Pedro: "escolhidos de acordo com a pré-conhecimento de Deus Pai, pela obra santificadora do Espírito, para a obediência a Jesus Cristo e a aspersão do seu sangue" (1Pe 1.2). Perceba: "escolhidos de acordo com o pré-conhecimento de Deus Pai...", pré-conhecimento este que leva em conta a fé aceita e exercitada livremente pelo pecador, mediante ação da graça do Espírito de Deus. É preciso lembrar o que disse o Senhor

Jesus: “É pela perseverança que vocês ganharão a sua alma” (Lc 21.19). O autor da carta aos Hebreus não deixa dúvidas quanto a necessidade da perseverança para se alcançar o destino final predeterminado por Deus para os salvos e santos: “Vocês precisam perseverar, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcancem a promessa” (Hb 10.36).

CONCLUSÃO

Resumindo: assembleianos (e pentecostais de modo geral) creem sim em predestinação. Mas na predestinação que é condicional à fé e que é estabelecida segundo a presciência de Deus das escolhas que fazemos em face da graça que Ele nos dá. Não é o homem que tem a última palavra em sua eternidade – como nos acusam os calvinistas. É Deus quem já deu a primeira e dará também a última palavra aos homens: “vida eterna ao que creu! E morte eterna ao infiel!”.

O homem só seria realmente dono de seu destino se ele pudesse alterar os desígnios soberanos de Deus e alcançar a vida eterna a despeito de sua permanência na incredulidade. Como é impossível que Deus minta, e ele já estabeleceu o fim previamente para os que creem e para os que não creem, então, assim será: “Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado” (Jo 3.18). Agora, quem vai crer ou deixar de crer, cabe ao homem decidir (não sozinho e a bel prazer, pois para que o homem creia faz-se necessário o auxílio da graça de Deus), como coube ao jovem rico decidir seguir a Cristo ou continuar preso às riquezas (Mc 10.21.22), e como coube a Israel se deixar ser acolhido por Cristo ou fugir de suas “asas de salvação” (Mt 23.37).

As mãos de Deus não estão encolhidas para não salvar (Is 59.1); e seu convite para o arrependimento e a salvação é dirigido a todos os “confins da terra”, isto é, a todos os homens em toda parte do mundo (Is 45,22; conf. At 17.30; 1Jo 2.1,2). O apelo irrestrito de Deus aos pecadores para o arrependimento e a fé seria pura encenação se Deus tivesse predestinado incondicionalmente alguns para salvação enquanto já tivesse decretado não salvar os demais. Como na boca de Jesus não se achou engano (1Pe 2.22), podemos confiar com toda firmeza de nosso coração, que Deus amou o mundo e que mesmo os que lhe dão as costas foram amados e chamados por Deus para a vida eterna – rejeitaram, porém, porque quiseram. Se não veem à Cristo, não é porque o Pai não quer lhes salvar, mas porque “não credes em mim” (Jo 10.38).

A salvação é uma dádiva da graça que deve ser recebida livremente (e só é realmente livre, porque há a possibilidade de ser recusada), não uma ação da força onipotente de Deus, contra a qual o homem não possa resistir.

Assim creem os assembleianos, assim creram os metodistas wesleyanos, assim creram muitos pós-reformadores, assim creram os antigos pais da Igreja, assim creram os apóstolos e profetas. Assim dizem as Escrituras!



Adquira o livro de minha autoria, ***“A mensagem da cruz: o amor que nos redimiu da ira”*** (2° edição, 178 páginas), onde abordo a doutrina da salvação por uma perspectiva arminiana. Linguagem clara e contundente, texto elucidativo, argumentos embasados bíblica e teologicamente, e uma mensagem forte que falará ao seu coração.

Preço: R$ 30,00 + 8,00 de frete para todo Brasil

WhatsApp: (83) 98708-7983

Referências

(1) Hans von Campenhausen. *Os Pais da Igreja*, 3. ed., CPAD, p. 369
(2) Jacó Armínio. *As Obras de Armínio*, vol. 1, CPAD, p. 235.
(3) Hans von Campenhausen. *Ibid*., p. 384
(4) Hans von Campenhausen. *Ibid*.
(5) J. N. D. Kelly. *Doutrinas centrais da fé cristã*, Vida Nova, p. 279. Grifo meu
(6) Eu disse "não unânime" porque há muito calvinistas que defendem que Deus de fato e verdade quer a salvação de todos os homens, não apenas de todos os "tipos de homens". São os chamados "calvinistas de quatro pontos", que creem que a redenção de Cristo foi feita por todos os homens, que a expiação é irrestritamente oferecida a todos os homens, mas especialmente aplicada aos eleitos, os que foram predestinados para recebê-la. Nomes como R. T. Kendall, F.F. Bruce, Millard Erickson, Lewis S. Chafer, Augustus H. Strong, dentre outros calvinistas, defendem a expiação ilimitada. Há inclusive uma antiga e longa discussão se o próprio João Calvino não teria também defendido a expiação ilimitada (ele diz: *"É a vontade de Deus que busquemos a salvação de todos os homens, sem exceção, porque Cristo sofreu pelos pecados do mundo inteiro"* – Gálatas, FIEL, p. 145). De minha parte, julgo por demais confuso que tais calvinistas creiam no *modus operandi* da graça como sendo irresistível (um dos pilares da TULIP calvinista, os cinco pontos essenciais de sua soteriologia) e ainda assim defendam uma expiação ilimitada, ou uma oferta generosa e sincera de salvação a todos os pecadores sem exceção. Pois bastaria questionarmos: se Deus realmente quer com sinceridade salvar a todos os pecadores, e se Cristo de fato morreu por todos eles, **sendo a sua graça irresistível**, como isso não desembocaria necessariamente na salvação de todos os pecadores? A combinação entre graça irresistível e expiação ilimitada é justamente o que defendem os universalistas, para os quais, todos os homens serão salvos irresistivelmente no final!
(7) Gustav Wiggers, *An historical presentation of Augustine and Pelagianism,* cap. 23.
(8) João Calvino. *Institutas da Religião Cristã*, vol. 3, cap. 21, seção 5. Os destaques são meus.
(9) João Calvino. *Ibid*., seção 11
(10) R.C. Sproul. *Eleitos de Deus*, 2. ed., Cultura Cristã, p. 101
(11) Jacó Armínio. *Op. cit*., pp. 226,7
(12) Jacó Armínio. *Op. cit*., p. 227
(13) James Strong & John McClintock. *The Cyclopedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature*, Haper and Brothers, NY: 1880. Verbete **PREDESTINATION**
(14) Irineu de Lião. *Contra as heresias*, Paulus, p. 510
(15) *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* (Esequias Soares, org.), CPAD, p. 110
(16) Jacó Armínio. *Op. cit.,* p. 266
(17) Roger Olson. *Teologia Arminiana – mitos e realidades*, Reflexão, p. 233

